

A Irmã Lúcia e a consagração ao Imaculado Coração de Maria. Enquadramento histórico de uma devoção

DAVID SAMPAIO BARBOSA
CEHR, Faculdade de Teologia – UCP

Nota prévia

A abordagem que iremos fazer sobre a consagração ao Imaculado Coração de Maria terá um enquadramento histórico a partir dos movimentos devocionais referentes ao Coração de Jesus e ao Coração de Maria (sécs. XVII – XIX), das consagrações pedidas e efetuadas e da mensagem de Fátima, decorrente duma receção que videntes, fiéis e representantes da Igreja fizeram em conformidade com os pedidos que a Senhora do Rosário fizera no ciclo das aparições da Cova da Iria (de maio a outubro de 1917) e no ciclo posterior, o ciclo do Imaculado Coração de Maria, que teve os seus momentos mais significativos nas aparições de 10 de dezembro de 1925, 15 de fevereiro de 1926 em Pontevedra e 13 de junho de 1929 em Tui (Espanha). No decurso das aparições da Cova da Iria, e nos interrogatórios informais e formais que então foram feitos aos videntes fica-se com a sensação que a Senhora, que se deu a conhecer no mês de outubro de

1917, a todos pedia oração, penitência e reparação pelas ofensas cometidas contra Deus e o Coração Imaculado de Maria. Ao peregrino que se encaminhava para a Cova da Iria oração e penitência se pedia, tudo enquadrado num espírito de reparação. Era uma espiritualidade que se implementava, invertendo uma tradição romeira tão apreciada pelo povo português. Os amesendamentos, onde comida e bebida se tomavam de forma moderada, deixam de parte os tradicionais envoltimentos ruidosos de música e estralejar de foguetes para assinalar a componente festiva e romeira que noutros santuários e ermidas então se faziam. O peregrino, o devoto de Fátima, o verdadeiro caracterizador do Santuário, assume-se como um convertido no melhor sentido do termo. O fluxo em crescendo de curiosos e devotos que se aproximam da Cova da Iria, fazem-no dentro desse espírito. Nada de exuberante ali sucedia nos primeiros anos após as aparições. O silêncio e o cadenciar de rezas do terço do Rosário, com uma ou outra missa pelo meio completavam um dia passado na Cova da Iria. Nos dias mais marcantes, mormente nos dias 13 de cada mês, a eucaristia era precedida por vigília e larga procura de atendimento de confissão. As comunhões gerais, que a quase todos convocavam, configuravam um povo devoto, orante e penitente. Sem querermos ser exaustivos, importa aqui assinalar algumas devoções que configuravam há muito o catolicismo europeu. Nessa frente devota enquadrava-se também o Portugal do século XIX e primeiras décadas do século XX. Dessas importa referir a devoção ao Coração de Jesus, a devoção a nossa Senhora e, a não subestimar, a devoção e oração pelo *Santo Padre*. As duas primeiras agarraram profundamente a alma de Portugal, da Europa e do mundo; concretizavam-se em consagrações de indivíduos, de instituições e até de nações católicas. A devoção ao Coração de Jesus era aquela que mais marcava o povo em geral, incluindo o povo português. Não eram novas essas devoções. Tiveram picos altos e baixos após a celebração do concílio de Trento. De modo geral, se afirmavam todas as vezes que um certo pessimismo se propalava por algumas correntes espirituais que julgavam o homem longe da possibilidade de uma efetiva aproximação a Deus. Os rigorismos desenvolvidos pelo movimento jansenista¹, ou a

¹ Cf. Zília O. de CASTRO, “Jansenismo”, in: Carlos Moreira AZEVEDO (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, J-P, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, 7-10.

jacobeia² entre nós, colocavam bem longe a possibilidade duma salvação eterna. Posteriormente, com as correntes iluministas e ulterior afastamento de algumas elites intelectuais do ordenamento católico, ou até cristão, a vida dos países tradicionalmente católicos foi profundamente abalada. A revolução francesa e a posterior implantação dos regimes liberais alteraram o ordenamento civil e religioso. À decomposição do tecido católico que se observou, sucedeu um esforço do papado no sentido de recompor a vida cristã em contraponto com ideologias, políticas e até hostilizações que dificultavam a expressão pública da fé. Para contrariar esse movimento de descristianização em curso, a Igreja no geral e as igrejas em particular puseram em curso uma série de iniciativas tendentes a inverter forças pouco propícias ao dinamismo cristão. A pastoral dos púlpitos, missões populares, festas e procissões passaram a dar novo vigor à vida paroquial. Devoções que do passado vinham, adquirem novas dimensões; entre essas ganham relevância as devoções ao Coração de Jesus, a Nossa Senhora, a S. José e à própria pessoa do papa, na versão de *Santo Padre*. Importava despregar-se duma mentalidade jansenista que teimava em persistir. Sentia-se isso particularmente no referente à Eucaristia para a qual os seguidores do rigorismo impunham severas condições para nela participar e comungar; acabaram por afastar os fiéis da frequência dos sacramentos, privando-os de graças de que tanta necessidade tinham. Com essas e outras propostas e obrigações, acabaram os jansenistas por propor um modelo de Igreja que não passava dum pequeno cenáculo de eleitos, que podiam agradecer ao Senhor não serem iguais aos outros homens e mulheres. Assistia-se mais uma vez à tentativa de pôr em prática iniciativas experimentadas já no passado, sempre na mira de fazer da Igreja um pequeno rebanho de eleitos³. Nessa não entrava a oração do rosário, as novenas, os cantos populares e a devoção ao Coração de Jesus e à Mãe de Deus⁴. Em pouco tempo, promoveu o jansenismo uma piedade severa, fria, pouco pessoal, mais adaptada a intelectuais⁵ que propriamente ao povo simples; alguns autores espirituais

² IDEM, “Jacobeia”, in: Carlos Moreira AZEVEDO (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, J-P, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, 5-7.

³ Cf. Franco MOLINARI, “Il giansenismo è un’eresia?“, in: *I Tabù della Storia della Chiesa Moderna*, Torino, Marietti, 1974, p. 119.

⁴ Ibidem, p. 225.

⁵ Cf. Franco MOLINARI, *I tabù della Storia della Chiesa Moderna.*, Torino, Marietti, 1974, p. 138.

e pastores daquele período histórico, (séc. XVII-XVIII), como S. João Eudes e S. Vicente de Paulo⁶, ao inverso dos jansenistas, assumiram-se como missionários, não duma pequena elite espiritual de eleitos, mas de todos, mormente das massas empobrecidas, abandonadas e deserdadas da vida. Os novos movimentos de devoção propostos pela Igreja, totalmente opostos à tendência rigorista, moviam-se num otimismo em relação à salvação universal do homem, levando-o à frequência dos sacramentos e a devoções que tanto o aproximavam de Deus, mormente pela devoção ao Coração de Jesus e à Mãe de Deus. Foram muitos os homens de Igreja que se assumiram como pastores, não duma pequena elite espiritual de eleitos, mas de todos, particularmente dos mais pobres e abandonados. Nesses ambientes de pobreza era difícil compreender o mito duma Igreja primitiva, liberta de superstições e devoções⁷. É também neste período histórico que algumas ordens e santos fundadores (S. Afonso Maria de Ligório, S. Francisco de Sales e S. Vicente de Paulo) favoreceram uma piedade mais quente e mais popular. Foi essa que prevaleceu e que nós vamos encontrar em Fátima no tempo das aparições.

Importa referir que a maioria das pessoas que a Fátima se dirigia, aquando dos acontecimentos da Cova da Iria, eram devotos do Coração de Jesus. Tratava-se de uma devoção bem vincada entre o povo português e, no geral, por toda a Europa mediterrânica. Bem perto dessa, se colocavam outras devoções, mormente a devoção à Virgem Maria, invocada por todo o território português com as mais variadas designações⁸. De igual modo, a devoção e culto a S. José,⁹ à Eucaristia e, nalgumas partes do território, também ao Santo Padre. Qualquer uma dessas devoções teve um contexto histórico e um percurso que teve muito a ver com espiritualidades assumidas nas famílias e nas comunidades cristãs. De todas elas damos particular

⁶ Cf. Luigi MEZZADRI, “Giansenismo e giansenisti”, in: *La spiritualità cristiana nell’età moderna*, Roma, Borla, 1987, 179-180; cf. Giacomo MARTINA, *História da Igreja. De Lutero a nossos dias, II*, São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 227.

⁷ Cf. Luigi MEZZADRI, “Giansenismo e giansenisti”, in: *La spiritualità cristiana nell’età moderna*, Roma, Borla, 1987, 179-180.

⁸ Cf. Geraldo J. A. Coelho DIAS, “A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos”, in: *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 4 (1987), 227-256.

⁹ ABREU, Adélio F., “Contextualização da mundividência subjacente aos acontecimentos de Fátima”, in: Francisco Marto – Crescer para o dom (coord. Arnaldo de PINHO / Vítor COUTINHO). Fátima, Santuário de Fátima, 2010, p. 76, nota 35.

realce à devoção ao Coração de Jesus e à devoção ao Coração de Maria. A profundidade dessas devoções teve o seu pico quando pessoas singulares, comunidades, dioceses e países se consagraram quer ao Coração de Jesus quer ao Coração de Maria. Do ponto de vista histórico, essas duas devoções tiveram percursos próximos e diferenciados. É de admitir que uma tivesse a ver com a outra na aproximação a Jesus e na aproximação a Maria para chegar a Deus. E como tudo isso entronca em períodos cronologicamente situados, importa a partir deste momento fazer uma síntese do que, de facto, desse passado cristão chegou até nós.

Devoções e consagrações

A devoção e a consagração pedidas na mensagem de Fátima não se afastaram de todo em todo dos devotos do Coração de Jesus e do Coração de Maria. Disso foram exemplo Margarida Maria Alacoque e Cláudio La Colombière. Este último dizia que nada pedia a Deus senão por meio de Maria. É legítimo referir que a devoção ao Coração de Jesus se uniu com muita naturalidade à do Coração de Maria. Esta última que tão prementemente se desenvolveu a partir das revelações que Lúcia teve em Espanha, muito particularmente nas que aconteceram em 1925 e 1929, e que já tinha tido antecedentes em séculos passados. Sem procurar ser exaustivo, pois não é este o lugar para isso, importa referir, como já foi dito, que alguns promotores da devoção ao Coração de Jesus foram igualmente devotos e promotores da devoção ao Coração Maria. São João Eudes (1601-1680) nas suas reflexões espirituais associou a devoção ao Coração de Jesus à do Coração de Maria. Tornou-se, no séc. XVII, o apóstolo dos sagrados Corações de Jesus e Maria; sentia-os unidos no mesmo palpitar; propunha que fossem igualmente imitados por todos os fiéis. Foi graças a este e a outros apóstolos do Coração de Jesus que essa devoção se divulgará. Para além da devoção, premente se tornava introduzi-la no culto litúrgico¹⁰. De facto,

¹⁰ No decreto de beatificação, com a data de 11 de abril de 1909, Pio X considerou-o "(...) Pai, Mestre e Apóstolo (...)" da referida devoção (cf. *Encíclicas Pontificias, Colección completa, 1832-1959, I*, Buenos Aires, Editorial Guadalupe, 1958, p. 1916).

S. João Eudes, com os seus confrades de congregação¹¹, celebrou já em 1643, a festa do Coração de Maria; e em 1648 conseguiu que a festa fosse introduzida na liturgia. É também por esse tempo que alguns bispos introduzem esse culto nas suas dioceses. Pio VII, em 1805, permite a dioceses e a instituições que o solicitem, a faculdade de celebrar a festa em honra do Coração de Maria. O gesto pontifício contrariou uma orientação da Sagrada Congregação dos Ritos que em 1729 emitira parecer desfavorável ao pedido que o P. J. de Gallifet, sj, solicitara para que a festa se universalizasse. Com a medida de Pio VII, esse culto deixa os espaços conventuais, confrarias ou irmandades localizáveis, para entrar nos espaços públicos e até universais. Pio IX aprovou no dia 21 de julho de 1855 Missa e ofício próprio para a festa do Coração de Maria para toda a Igreja. Graças aos esforços do P. J. Gallifet, sj, à devoção em curso, se agregou um propósito claro de nela se viver um forte espírito de reparação; aqui encontramos um paralelismo com a devoção ao Coração de Jesus, onde o sentido da reparação não se dissociava da devoção praticada. Estamos perante dois movimentos devocionais onde o espírito de reparação se vive intensamente¹². Após a consagração do género humano ao Sagrado Coração de Jesus, feita pelo papa Leão XIII em 1899¹³, o P. Alfredo Dechamps, sj, com a licença do bispo de Toulouse, inicia um movimento peticionário para impetrar do papa a consagração do mundo ao Coração de Maria. Em pouco tempo fez chegar a Roma um milhão de assinaturas. Essas petições renovaram-se por anos seguidos (1906,1908,1920). Em 1914, por ocasião do 25.º Congresso Eucarístico Internacional, celebrado em Lourdes nos dias 22 a

¹¹ João Eudes fundou a Congregação de Jesus e Maria (Eudistas); fundou também uma congregação feminina com o nome de Refúgio de Nossa Senhora da Caridade. Faleceu em 1680 e foi canonizado em 1925.

¹² Ibidem.

¹³ É de crer que os pedidos insistentes duma religiosa das Irmãs do Bom Pastor, Maria zu Drosche Vischering, a partir do Porto (Portugal), apressasse o ato pontifício. Algumas dúvidas manifestou o papa ao cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, em 1898. Perguntava-lhe o papa se podia consagrar toda a humanidade ou só a Igreja. Recorrendo-se ao ensinamento de S. Tomás (*Summa theologica*, Pars III, q. 59, a. 4), prevaleceu a tese de ser natural e oportuno que o papa consagrasse toda a humanidade ao Coração de Jesus. Por meio da encíclica *Annum Sacrum*, do dia 3 de abril de 1899 (*Acta Sanctae Sedis*, vol. 31, p. 661 e ss.) anunciava a iminente consagração do mundo ao Coração de Jesus; convidava os bispos, e toda a Igreja a segui-lo nesse ato de consagração; a consagração efetiva foi feita no dia 11 de junho de 1899. Leão XIII, um pouco depois, referindo-se o gesto, classificou-o como o mais importante ato do seu pontificado (cf. Guido VIGNELLI, *Il Sacro Cuore – salvezza delle famiglie e della società*, Roma, Luci sull’Est, , 2004, p. 65).

26 de agosto desse ano, com a presença dum cardeal legado, os congressistas dirigem pedido a Pio X para que, por meio desse cardeal, se fizesse a consagração do mundo ao Coração de Maria¹⁴. O pedido chegara a Roma em circunstâncias desfavoráveis; o papa encontrava-se moribundo. Um outro pedido, este já no pontificado seguinte, de Pio XI, será renovado por congressistas reunidos também em Lourdes, participantes num Congresso Mariano, em 1930 que, por “aclamação”¹⁵, dirigem ao papa pedido de consagração do mundo ao Coração de Maria. Nada sabemos do acolhimento que esses insistentes pedidos tiveram Roma. Se até agora essas petições partiam do centro da Europa, de grupos profundamente afeitos à devoção ao Coração de Maria, a partir da década de trinta, pedidos similares irão partir de Portugal, todos ligados às aparições de Fátima, as de 1917 e as que Lúcia tivera na vizinha Espanha, particularmente as de 1925, 1926 e 1929. É de admitir que aparições de Fátima, com contornos próprios, em progressivo conhecimento, tivessem apressado a decisão de fazer a consagração ao Imaculado Coração de Maria. Até agora, o que vimos resultou de movimentos devotos do Coração de Maria. Nenhum deles reclamava intermediar um pedido que dum visão ou aparição tivessem para que um tal desígnio fosse efetuado. Agora, com os acontecimentos de Fátima e respetivos videntes, outro tratamento se deveria dar às novas petições em curso. Se a reserva de Roma, particularmente por meio da Sagrada Congregação dos Ritos se observou até à década de trinta, agora, com os pedidos formulados pela vidente Lúcia, a partir de Espanha, e nos quais se envolveram confessores e o próprio bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, irão conhecer um percurso próprio com respostas nem sempre a contento da vidente Lúcia de Jesus.

Por razões de um razoável arrumo da temática aqui tratada, convém ter presente que as devoções ao Coração de Jesus e ao Coração de Maria estiveram também presentes na vida dos videntes de Fátima. Se S. João Eudes no século XVII não dissociava o Coração de Jesus do Coração de Maria, de igual modo aconteceu nas aparições de Fátima. Na segunda aparição do Anjo encontra-se explícita a união devocional que devia

¹⁴ Cf., *Encíclicas Pontificias, Colección completa, 1832-1959, I*, Buenos Aires, Editorial Guadalupe, 1958, 1917.

¹⁵ *Ibidem*.

compreender o Coração de Jesus e o Coração de Maria¹⁶. E a Jacinta, pouco antes de morrer, dirigindo-se à Lúcia, pronuncia-se nos seguintes termos: “Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no Mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria”¹⁷; “(...) o Coração de Jesus quer que, a seu lado, se venere o Coração Imaculado de Maria”¹⁸. As Memórias da Irmã Lúcia, iniciadas no ano de 1935¹⁹ trazem-nos pormenores interessantes sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria. A IV Memória, escrita em 1941, é particularmente clara sobre as razões de procurar estabelecer no mundo a devoção ao Coração de Maria. No referente à aparição do mês de junho aí mencionada, Lúcia faz o seguinte pedido: “Queria pedir-Lhe para nos levar para o Céu. Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Fico cá sozinha? (...) Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”²⁰. E na aparição de julho de 1917, encontramos um pedido claro para que fosse introduzida a devoção ao Imaculado Coração de Maria²¹.

¹⁶ “Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós designios de misericórdia” (cf. Memórias da Irmã Lúcia, FÁTIMA, Secretariado dos Pastorinhos, 2007, 13.^a Ed., p. 78).

¹⁷ *Ibidem*, p. 130.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ O primeiro volume com as quatro primeiras Memórias contém toda a Mensagem de Fátima: na Primeira Memória, tão viva, escrita em 1935 por ordem do bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, Lúcia destaca principalmente a figura de Jacinta.

Na Segunda (1937) deixa ver a história de Fátima tal qual ela é, com os temas surpreendentes das Aparições do Anjo e do Coração Imaculado de Maria. Na Terceira (1941) fala da vida espiritual da Jacinta e revela as duas primeiras partes do Segredo. Na Quarta (1941) recorda principalmente o Francisco, mas também a Jacinta; repete a descrição das Aparições do Anjo e de Nossa Senhora.

No Apêndice I fala das Aparições de Nossa Senhora em Pontevedra (1925) e no Apêndice II da Visão em Tui (1929) – cumprimento da promessa de 13 de julho de 1917: “virei pedir a Consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos Primeiros Sábados” (cf. Memórias da Irmã Lúcia, FÁTIMA, Secretariado dos Pastorinhos, 2007, 13.^a Ed., p. 177).

No Apêndice III transcreve-se o Documento intitulado “A Mensagem de Fátima”, com a “terceira parte do segredo” com o adequado Comentário da Congregação da Doutrina da Fé.

Num II volume (temos a 5.^a e a 6.^a memória). A quinta memória é de 1989, escrita a pedido do Reitor do Santuário, onde se relatam pormenores da vida do pai da Lúcia; a sexta memória é uma descrição da vida da mãe da Irmã Lúcia; começou-a em 1992 e terminou-a em 1993.

²⁰ Memórias da Irmã Lúcia, FÁTIMA, Secretariado dos Pastorinhos, 2007, 13.^a Ed., p. 175.

²¹ “Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. (...) virei pedir a consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus

A palavra consagração, para além do tratamento teológico que se lhe possa fazer, aqui será vista na dimensão histórica no sentido de analisarmos os contextos dos pedidos feitos pelos devotos do Sagrado Coração e, numa fase posterior, também pelos devotos do Coração de Maria. Desses pedidos, mencionaremos aqueles que foram dirigidos direta ou indiretamente aos vários papas. No caso de Fátima, os pedidos passaram a ser mais prementes após as revelações que a vidente Lúcia teve em Espanha. De facto, a partir daí, a devoção ao Imaculado Coração de Maria passa a ser um assunto que a vidente Lúcia dá a conhecer e procura por todos os meios implementar essa devoção; dá-la a conhecer em ordem à reparação e, mais tarde, em ordem à consagração. A primeira abordagem que Lúcia faz sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria, e as razões que invoca, encontram-se num escrito que ela envia ao seu confessor, o jesuíta P. José Aparício, sj. Com o consentimento da Lúcia esse inaciano envia o relato, em carta, ao bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, em 11 de outubro de 1928. Esse escrito refere as aparições de 10 de dezembro de 1925, as de 15 de fevereiro de 1926 e as de 17 de dezembro de 1927²². O núcleo da aparição de 10 de dezembro de 1925 (Pontevedra) refere a devoção dos primeiros cinco sábados²³. Na aparição de 15 de fevereiro de 1926, “apareceu-lhe (...) o Menino Jesus. Perguntou-lhe se já tinha espalhado a devoção a sua Santíssima Mãe;²⁴ No referente à devoção dos primeiros cinco sábados mostrou-se D. José Alves Correia da Silva reservado e prudente. Em 1928 consentiu que o P. Manuel Nunes Formigão desse a conhecer essa devoção. Em 1929 persistia ainda o prelado numa atitude de reserva sobre a divulgação da devoção dos primeiros cinco sábados; entendia não ter chegado o tempo oportuno para uma divulgação generalizada; era, no

pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; (...) Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará” (Ibidem, p. 177).

²² *Documentação Crítica de Fátima, V-1* – Doc. 370, 736-738. (Doravante citaremos a Documentação Crítica de Fátima de forma abreviada – DCF).

²³ “Em seguida, disse a Santíssima Virgem: “Olha; minha filha, o meu coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos me cravam com blasfémias e ingratidões; tu ao menos vê de me consolar e diz que todos aqueles que durante 5 meses no 1.º sábado se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um terço e me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário com o fim de me desagrar EU prometo assistir-lhes na hora da morte com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas” (Ibidem, 737).

²⁴ “Ela expoz-lhe as dificuldades que tinha o confessor (...)” (Ibidem, 738).

entanto, de parecer que em ambientes restritos poder-se-ia fazer²⁵. Anos mais tarde, outras revelações são comunicadas à Lúcia. Na noite de 29 para 30 de maio de 1929 há um esclarecimento sobre as razões da prática dos cinco primeiros sábados como ato de reparação. Nesse contexto, há uma referência da Lúcia que do céu recebera promessa do fim da perseguição na Rússia “(...) se o Santo Padre se dignar fazer e mandar que o façam igualmente os Bispos do mundo Católico um solene e publico acto de reparação e consagração da Rucia aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, prometendo Sua Santidade mediante o fim d’esta perseguição aprovar e recomendar a prática da já indicada devoção reparadora”²⁶. Foi a devoção dos primeiros cinco sábados que veio a clarificar de forma mais incisiva a centralidade do Coração de Maria nas aparições e revelações que Lúcia pôde testemunhar; associada ao gesto da prática devocional dos primeiros sábados, num enquadramento de reparação, liga-se a dimensão da consagração. Na revelação de 13 de junho de 1929 (Tui), o conteúdo está ligado à segunda parte do segredo, onde se dá a conhecer o pedido de Nossa Senhora de consagrar a Rússia ao Imaculado Coração de Maria para impedir a disseminação dos seus erros no mundo e se possa assim impedir o eclodir dum novo conflito mundial²⁷. Na década de 1930 Lúcia insiste em várias cartas da necessidade de se proceder à consagração da Rússia²⁸. A questão era melindrosa. O estalinismo prosseguia o seu caminho. A nomeação de um país concreto, mariano por tradição, podia suscitar sensibilidades políticas e até religiosas. Os apelos da Lúcia eram escrutinados e analisados morosamente. Nesse assunto delicado interveio o bispo D. José Alves Correia da Silva e os seus confessores. Lúcia cedo se apercebeu que tudo isso só se poderia efetuar por mediação de pessoas que para tal estivessem em

²⁵ “A devoção dos primeiros sábados está bem, mas ainda não lhe chegou a hora o que não quer dizer que não se propague nas casas e colégios religiosos” (DCF, V-3, Doc. 950, p. 281). A 13 de setembro de 1939, D. José Alves Correia da Silva, perante vários milhares de peregrinos, aprova oficialmente e torna pública a Devoção dos Cinco Primeiros Sábados.

²⁶ DCF, V-5- Doc. 1557, 233-234.

²⁷ “(...) Para a (a guerra) impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz,(...)” (cf. Memórias da Irmã Lúcia, FÁTIMA, Secretariado dos Pastorinhos, 2007, 13.^a Ed., p. 208).

²⁸ Cf. António Maria MARTINS, *Novos Documentos de Fátima*, Porto, Livraria Apostolado de Oração, 1970, p. 176.

posição para o fazerem²⁹. Em 1937, D. José Alves Correia da Silva faz chegar um pedido a Roma para que o papa procedesse à consagração pedida – aos Corações de Jesus e Maria – e, por seu intermédio, levasse os bispos do mundo inteiro a proceder do mesmo modo; igualmente se pedia a implementação da devoção dos primeiros cinco sábados³⁰. O episcopado português no fim do retiro de 1938, efetuado em Fátima, em carta dirigida ao papa, refere a renovação da consagração que fizera de Portugal ao Imaculado Coração de Maria. Nessa mesma carta pede o Pio XI que consagre “(...) o Orbe inteiro (...) ao (...) puríssimo Coração (...)”³¹. No mês de outubro de 1940, Lúcia obtém consentimento de se dirigir por carta diretamente ao papa Pio XII. O texto sofreu algumas alterações, existindo hoje duas versões. Quer uma quer outra insistem em pormenores novos: referem ser o pedido o resultado de revelações particulares de Nossa Senhora, que pedia a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, e onde se fizesse particular referência à Rússia; a esse ato de consagração deveriam associar-se os bispos do mundo inteiro³². Nessa carta menciona-se já como âmbito de consagração o mundo inteiro. É de admitir que aí tivesse havido a intervenção de alguém que a tivesse aconselhado a ser mais abrangente no intuito de obter mais fácil resposta ao pedido impetrado a Roma. Outro detalhe dessa carta dirigida ao papa foi a menção de Portugal como país exemplar: consagrara-se ao Imaculado Coração de Maria e o resultado foi a proteção da Pátria de ideologias e convulsões sociais. Tudo leva a crer que aqui também tivesse havido interferência do confessor³³. De todos os modos, convém referir que da documentação existente, só começamos a ter notícia da satisfação por parte de Lúcia de ver Portugal consagrado ao

²⁹ Em carta que o P. José Bernardo Gonçalves dirige a D. José Alves Correia da Silva, de 13 de junho de 1930 (Tui), onde se encontra a transcrição duma carta que esse sacerdote recebera de Lúcia sobre a devoção ao Coração de Maria, mormente a dimensão reparadora, se insinuava claramente a necessidade que todas essas propostas, em ordem à sua divulgação, tivessem um “medianeiro”; no entender então de Lúcia a pessoa a mediar todo esse processo seria o bispo de Leiria, D. José Vieira da Silva no qual a vidente depositava muita confiança (DCF, V-5-Doc. 1597, 283 -285).

³⁰ Cf. António Maria MARTINS, *Novos Documentos de Fátima*, Porto, Livraria Apostolado de Oração, 1970, p. 176.

³¹ Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in: *A Consagração como dedicação na Mensagem de Fátima* (Coord. José Carlos CARVALHO), Fátima, Santuário de Fátima, 2014, p. 276.

³² “(...) abreviar os dias de tribulação (...)” (cf. *ibidem*, p. 277).

³³ *Ibidem*.

Imaculado Coração de Maria a partir do ano de 1940³⁴. É de admitir que tudo tivesse a ver com a aproximação dos bispos portugueses a Fátima. De facto, após a publicação da Carta Pastoral do bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, – *A Providência Divina*³⁵ –, em 13 de outubro de 1930, depois de um demorado processo canónico, o caminhar para Fátima tornou-se mais fácil. Nessa carta pastoral declarava-se “(...) dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria (...)” e permitia “(...) oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima”³⁶. Com essa decisão episcopal, a circunstância registou que vários prelados passaram a deslocar-se à Cova da Iria com mais naturalidade. É também nesse enquadramento que se dá a deslocação a Fátima, no dia 13 de maio de 1931 de todo o episcopado português para a peregrinação aniversária daquele ano. O cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, após sentida alocução, pronunciou um ato de consagração nos seguintes termos: “Os Pastores (...) vêm hoje solenemente consagrar-Vos, como os Representantes ungidos e oficiais dos seus rebanhos, a Nação Portuguesa ao vosso Coração Imaculado, num ato de filial vassalagem de fé, amor e confiança (...)”³⁷. Tenha-se também presente que três anos antes, por meio de uma Pastoral Coletiva³⁸, assinada por todos os bispos, no dia 22 de agosto de 1928, propôs-se a toda a Igreja portuguesa: bispos, párocos e fiéis que, na Festa de Cristo Rei desse ano, isto é, no dia de 28 de outubro, se fizesse a Consagração nacional ao Coração de Jesus. Pretendeu-se com esse gesto uma renovada e profunda consagração de todos ao Coração de Jesus³⁹. Ao ato de consagração de 1931, seguir-se-á o de 1938, resultante duma promessa que dois anos antes fizera o episcopado de nova consagração se Portugal ficasse livre da invasão

³⁴ Cf. António Maria MARTINS, *Novos Documentos de Fátima*, Porto, Livraria Apostolado de Oração, 1970, p. 439.

³⁵ DCF, II, Doc. 11, p. 263-278; refira-se, no entanto, que as felicitações dos prelados portugueses ao bispo de Leiria pelo gesto assumido foram sóbrias (cf. DCF, V-6, Doc. 1843, 1894, 1928).

³⁶ DCF, II, Doc. 11, p. 275.

³⁷ Cf. João AMEAL, *Fátima Altar do Mundo, II*, Porto, Ocidental Editora, 1953, 242-243.

³⁸ “Consagração Nacional ao Coração de Jesus”, in: *A União, Órgão Oficial do Centro Católico Português e Revista de Documentação*, 210 (1928) 1-7.

³⁹ “A Consagração ao Coração Santíssimo de Jesus, é um desagravo (...) Num movimento de fé e amor renovados, oferecemos-Lhe (...), este Portugal que já lhe pertencia por direito absoluto de Criador e Redentor” (Ibidem, p. 3).

comunista, que então era sentida como real perigo por toda a Europa⁴⁰. No dia 13 de maio de 1938 a promessa foi cumprida. Uns anos mais tarde, na continuidade desse ato piedoso, a 13 de maio de 1946, no terceiro centenário da proclamação de Nossa Senhora da Conceição como padroeira de Portugal, por D. João IV, com a presença do legado papal, o cardeal Aloísio Masella, que a Portugal se deslocara para a coroação de Nossa Senhora de Fátima⁴¹, renovou-se novamente a consagração. Essa frente de consagrações era acompanhada pela Lúcia, daí as referências que introduziu na carta que a Roma dirigiu, com a data de 2 de dezembro de 1940⁴². Até hoje não sabemos o tratamento que Roma deu às petições que de Portugal chegavam, mormente à carta da Lúcia de 2 de dezembro de 1940. É de crer que não tivessem sido esquecidas. No ano de 1942 celebrou-se o jubileu dos 25 anos das aparições de Fátima e os 25 anos da ordenação episcopal do papa Pio XII que, por coincidência, se deram no dia 13 de maio de 1917. Esses acontecimentos foram solenemente relevados e celebrados. Na peregrinação aniversária de 13 de maio o cardeal Patriarca acentuou bem em Fátima esses dois acontecimentos. Marcou-se o dia 31 de outubro para encerrar esse ano jubilar. Correndo a notícia que nesse dia o papa Pio XII iria dirigir uma rádio mensagem a Portugal, e tendo-a como certa, o episcopado português reuniu-se nesse dia às 5 da tarde na Sé de Lisboa. Foi então que se ouviu Pio XII durante 35 minutos endereçando mensagem a toda a igreja de Portugal. Nessa mensagem fez a consagração ao Imaculado Coração de Maria – “(...) a Vós, ao vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos não só a Santa Igreja, corpo místico de vosso Jesus, que pena e sangra em tantas partes e por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo, dilacerado por exiciais (*sic*) discórdias, abrasado em incêndios de ódio, vítima de suas próprias iniquidades”⁴³. Nesta consagração cria um precedente que irá

⁴⁰ Os acontecimentos de Espanha, no ano de 1936, com a vitória da República, a que seguirá a guerra civil opondo franquistas (direita – católicos) e republicanos (esquerda – comunistas), estiveram muito presentes nos responsáveis da igreja de Portugal – “(...) (a) Igreja, que sentia a guerra em Espanha como uma guerra sua (...)” [cf. Manuel LOFF, “A memória da Guerra de Espanha em Portugal através da historiografia portuguesa”, in: Dossier “Guerras civis”, in: *Ler História*, 51 (2006), Lisboa, p. 11].

⁴¹ Cf. João AMEAL, *Fátima Altar do Mundo, II*, Porto, Ocidental Editora, 1953, p. 189.

⁴² Cf. António Maria MARTINS, *Novos Documentos de Fátima*, Porto, Livraria Apostolado de Oração, 1970, p. 277.

⁴³ *Discorsi e Radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. IV, pág. 253; nesta consagração fez

persistir praticamente até aos nossos dias, isto é, de evitar mencionar formalmente o nome da Rússia. Na referida mensagem de consagração, em forma de prece, poderá perceber-se uma referência indireta à Nação russa⁴⁴. De todos os modos, deve dizer-se que a palavra *Rússia* não aparece. O papa Pacelli renovou essa consagração no dia 8 de dezembro do mesmo ano, utilizando praticamente a mesma formulação da utilizada no dia 31 de outubro de 1942. Após esses pronunciamentos pontifícios, a Lúcia, em 4 de Maio de 1943, desolada, sustenta que essas fórmulas de consagração continuavam a ser insuficientes⁴⁵. Não sabemos que tipo de apreciação se fazia em Roma sobre o parecer da Lúcia; de todos os modos, um pouco mais tarde, o papa Pio XII, por meio da encíclica – *Auspicia quaedam* – de um de maio de 1948, insiste no que já anteriormente tinha proposto – “(...) quando as circunstâncias o permitam, se faça a consagração tanto nas dioceses, como nas paróquias e famílias (...)”⁴⁶. O pendor mariano irá persistir noutros acontecimentos. Profundamente assinalável foi decisão que Pio XII tomou de escolher Fátima para o encerramento do Ano Santo, no mês de outubro de 1951. Enviou para o evento um cardeal legado, o cardeal Tedeschini. As celebrações desse mês de outubro foram precedidas por um Congresso Internacional sobre a *Mensagem de Fátima e a Paz* que se celebrou em Lisboa⁴⁷. Entre as várias comunicações, a temática referente à Rússia acabou por ser também abordada naquele ambiente celebrativo. A terminologia então utilizada refletia um imaginário de quem nunca estivera ou conhecera a Rússia por dentro⁴⁸. No decurso das cerimónias

menção à consagração que Leão XIII fez ao Coração de Jesus – “Enfim como ao Coração do vosso Jesus foram consagrados a Igreja e todo o género humano, para que, colocando n’Ele todas as suas esperanças, lhes fôsse sinal e penhor de vitória e salvação (...)” (cfr. Encíclica *Annum Sacrum* (25/5/1899), in: *Acta Leonis XIII* vol. 19, p. 79).

⁴⁴ “Aos povos pelo erro ou pela discórdia separados, nomeadamente áquêles que Vos professam singular devoção, onde não havia casa que não ostentasse a vossa veneranda icone (hoje talvez escondida e reservada para melhores dias), dai-lhes a paz (...)” (*Discorsi e Radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. IV, pág. 253).

⁴⁵ Cf. António Maria MARTINS, *Documentos de Fátima*, Porto, 1976, p. 147.

⁴⁶ AAS., 40 (1948) 171.

⁴⁷ Cf. João AMEAL, *Fátima Altar do Mundo, II*, Porto, Ocidental Editora, 1953, p. 319.

⁴⁸ D. Manuel da Conceição Santos, arcebispo de Évora faz uma descrição pavorosa do que se estava a passar na Rússia – “Com sanha diabólica se concitam contra Deus, contra o seu Cristo e contra a sua Igreja, as forças poderosas do Estado. A Rússia tornou-se o reino do anti-Cristo” (cf. João AMEAL, *Fátima Altar do Mundo, II*, Porto, Ocidental Editora, 1953, p. 487).

presididas pelo cardeal legado não se fez uma consagração formal ao Imaculado Coração de Maria. No fim da Missa solene, Pio XII, via rádio, dirigiu umas palavras aos peregrinos de Fátima.

A Rússia como parte integrante da consagração

A consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria pedida em 1929 em Pontevedra não apareceu nas primeiras duas consagrações feitas por Pio XII. Lúcia continuava a insistir na insuficiência das formulações. Possivelmente, em Roma estavam informados disso. É de admitir que a consagração feita por Pio XII no dia 7 de julho de 1952, na festa dos santos Cirilo e Metódio, resultasse numa insatisfação que sobre esse por menor se sentia. De facto, naquela data referia o papa Pacelli, por meio da Carta Apostólica *Sacro vergente anno*⁴⁹, e de forma solene o seguinte “(...) dedicamos e consagramos todos os povos da Rússia ao mesmo Coração Imaculado (...)”⁵⁰. Em 1954, o papa instituiu a festa litúrgica de Maria, Rainha do mundo. Por essa ocasião pedia que se renovasse a consagração do género humano ao Coração de Maria. Lúcia continuava a insistir na ausência da Rússia, ou, quando presente, como o foi na consagração de 1952, não houve convite aos bispos do mundo inteiro para que se unissem ao ato do pontífice⁵¹. No Ano Mariano de 1954, por meio da encíclica *Ad Coeli Reginam*⁵² de 11 de outubro, ordenava Pio XII a todos os bispos, para que no dia 31 de Maio, festa da Realeza de Maria, consagassem o mundo ao Imaculado Coração de Maria. Também desta vez, não mencionou a Rússia. As reservas da Lúcia persistiam. Paulo VI no fim da terceira parte do concílio Vaticano II, no discurso de encerramento, pronunciou também uma consagração da Igreja, do concílio e de todo o género humano ao

⁴⁹ AAS, 44 (1952) 505-551.

⁵⁰ “(...) *ita in praesens cunctos Russiarum populos eidem Immaculato Cordi peculiaríssimo modo dedicamus ac consecramus, (...)*” (AAS, 44 (1952) 511).

⁵¹ “(...) Estou desolada (Lúcia) pois a consagração que Nossa Senhora pediu não foi feito” (cf. J. Maria ALONSO, p. 56; Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in: *A Consagração como dedicação na Mensagem de Fátima* (Coord. José Carlos CARVALHO), Santuário de Fátima, 2014, p. 279).

⁵² AAS, 46 (1954) 625-640.

Coração Imaculado⁵³. Omitiu a palavra Rússia. Naquela ocasião seria muito desconfortável para o papa Montini referir a Rússia com os observadores presentes da igreja oriental, mormente os da Rússia. Outras consagrações se farão durante o pontificado do papa João Paulo II. A sua primeira peregrinação a Fátima, no dia 13 de maio de 1982, foi toda ela envolvida por um reconhecimento que o papa polaco fazia a Nossa Senhora que, no seu entender, o livrara da morte no atentado que sofrera no dia 13 de maio do ano anterior. Nessa peregrinação aniversária renovou a consagração ao Imaculado Coração de Maria. Consagrou todo o mundo – “De modo especial Vos entregamos e consagramos aqueles homens e aquelas nações, que desta entrega e desta consagração particularmente têm necessidade”⁵⁴. Em 1983, no dia 16 de outubro, João Paulo II renova a consagração, com os bispos reunidos em sínodo. Possivelmente, na óptica do papa, os bispos presentes representariam o episcopado mundial⁵⁵. No dia 8 de dezembro desse mesmo ano, João Paulo II escreve a todos os bispos⁵⁶ para que se unissem a ele no ato de consagração ao Imaculado Coração de Maria que marcava para o dia 25 de março de 1984; nesse dia se encerrava o Ano Santo da Redenção; foi seguramente seu propósito corresponder pessoal e colegialmente ao pedido de consagração do mundo e, talvez da Rússia, ao Imaculado Coração de Maria. João Paulo II pediu então a presença da imagem da Senhora de Fátima, a da capelinha, em Roma; de joelhos diante dela fez a consagração. Foi nessa ocasião que o papa entregou a bala do atentado que sofrera ao Bispo de Leiria-Fátima, D. Alberto Cosme do Amaral. “Aqui está um presente [disse] para entregar a Nossa Senhora”⁵⁷. A bala foi encastrada na coroa principal de Nossa Senhora no início de 1991. A fórmula de consagração que utilizou em 1984 foi praticamente a mesma de 13 de maio de 1982. A colegialidade nunca foi tão clara e o

⁵³ “Ó Virgem Maria Mãe da Igreja, a Ti recomendamos a Igreja toda, o nosso Concílio Ecuménico (...) Ao teu Coração Imaculado, ó Maria, recomendamos o género humano inteiro (...)” (Concílio Ecuménico Vaticano II – Constituições – Decretos – Declarações. Documentos e discursos pontifícios, Braga, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1966, p. LX).

⁵⁴ *Discursos de João Paulo II em Portugal*, Lisboa, Edição da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 1982, p. 82.

⁵⁵ Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in: *A Consagração como dedicação na Mensagem de Fátima* (Coord. José Carlos CARVALHO), Santuário de Fátima, 2014, p. 284, nota 377).

⁵⁶ Cf. *Voz da Fátima*, Ano 63, n.º 739, 13 de abril de 1984, 1-5.

⁵⁷ Cf. Aura MIGUEL, *O Segredo que Conduz o Papa*, Cascais, Principia, 1.ª edição, 2000, p. 98.

ato de consagração nunca foi tão uníssonimo como nesse dia. A polémica da validade continuou a persistir em muitas pessoas: seria ou não válida! De facto, a Rússia não foi mencionada. A palavra mais esclarecedora sobre o assunto teve-a Lúcia em 1989; por essa ocasião, enviando uma carta com a data de 29 de agosto de 1989, declarava que a consagração de 25 de março de 1984, feita em união com os bispos de todo o mundo satisfizera os pedidos de Nossa Senhora⁵⁸. O papa João Paulo II renovou mais uma vez a consagração em 1991, no dia 13 de maio em Fátima. De igual forma o fez no dia 8 de outubro de 2000, por ocasião do Jubileu com os Bispos reunidos em Roma. Na praça de S. Pedro, de joelhos, frente à imagem da Senhora de Fátima, a da capelinha, o Papa consagra o novo milénio à Virgem Maria. “Ó Mãe, [disse] que conheces os sofrimentos e esperanças da Igreja e do mundo... assiste os teus filhos nas provações quotidianas que a vida reversa a cada um deles... a Ti aurora da salvação, confiamos o nosso caminho no novo Milénio para que, sob a tua guia, todos os homens descubram a Cristo (...)”⁵⁹.

Das oito consagrações formais feitas desde Pio XII até João Paulo II, de forma direta ou indireta, efetuaram-se em comunhão com os bispos, englobando todos os povos da terra, isto é, o género humano. Mas só em 1989 é que, efetivamente, temos uma palavra esclarecedora da Lúcia quando diz que a consagração do dia 25 de março de 1984⁶⁰ tinha sido a contento segundo os pedidos de Nossa Senhora. A partir dessa data, Lúcia não se fixa mais na Rússia para reconhecer validade do ato papal. Algumas questões se podem levantar sobre a posição tomada pela vidente. Várias hipóteses têm feito estrada. De todos os modos, persistem sensibilidades que continuam a discordar sobre o epílogo que a vidente entendeu dar por encerrado.

⁵⁸ Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in: *A Consagração como dedicação na Mensagem de Fátima* (Coord. José Carlos CARVALHO), Santuário de Fátima, 2014, p. 285, nota 379.

⁵⁹ *Voz da Fátima*, Ano 78, n.º 938, 13 de novembro de 2000, p. 1.

⁶⁰ Cf. Adélio Torres NEIVA, “Consagração de Portugal e do Mundo ao Imaculado Coração de Maria”, in: *A Consagração como dedicação na Mensagem de Fátima* (Coord. José Carlos CARVALHO), Santuário de Fátima, 2014, p. 285, nota 379.

Conclusão

Em jeito de conclusão, poder-se-ia dizer que o gesto piedoso da consagração da Rússia e do mundo ao Imaculado Coração de Maria, pedido insistentemente pela Lúcia, resultou de vários pedidos que a Lúcia recebera em revelações particulares. Tudo se tornou moroso pelo facto de se pedir que a consagração fosse feita pelo papa. Para além do mais, no caso específico de Fátima, pedia-se com insistência a menção de uma nação (Rússia) que deveria ser referida no ato da consagração. Não era a primeira vez que se pedia a intervenção de Roma para atos de consagração. Aquando das revelações particulares que Margarida Maria Alacoque recebera do Coração de Jesus⁶¹, pedia-se-lhe que, no ato de consagração se incluísse a família real de França, os bispos, comunidades e todo o género humano. Pedia-se ainda mais: que o rei de França endereçasse pedido ao papa para obter missa festiva para solenizar a festa do Coração de Jesus. A consagração deveria ser feita em templo a construir para o efeito. O monarca visado, Luís XIV, não deu cabal seguimento ao pedido que lhe fizeram chegar. Invocou resistências culturais e até religiosas que em Roma, papa e cúria colocavam⁶². A consagração pedida a partir de 1672, só veio a concretizar-se no final do século XIX, por meio do papa Leão XIII. É certo que a França, antes da consagração leonina, em circunstâncias de grandes perturbações internas, construíra um templo / monumento, a basílica do *Sacré Coeur*, em Montmartre, inaugurada em 5 de junho de 1891, onde a França católica se consagrara ao Coração de Jesus⁶³. Se as propostas resultantes das revelações de Paray-le-Monial a Margarida Maria Alacoque se prolongaram tanto no

⁶¹ Tiveram particular impacto no dinamismo desta devoção as quatro revelações que Margarida Maria Alacoque tivera no convento de Paray-le-Monial entre o mês de dezembro de 1673 e junho de 1675 (cf. J. LANGUET, *La vie de sainte Marguerite-Marie Alacoque*, Paris, 1890, p. 49).

⁶² Roma foi resistindo por meio da Sagrada Congregação dos Ritos que se ocupava desses assuntos; nem sempre os cardeais prefeitos acolhiam as várias propostas que a Roma chegavam. Entre 1740 e 1745 chegaram a Roma dois pedidos que algum impacto tiveram no papa Bento XIV; tratou-se de um da rainha de França, Maria Leczinska, e um outro do cardeal de Lisboa, D. Tomás de Almeida. A esses dois pedidos se respondeu de forma negativa; os motivos invocados centravam-se no seguinte: evitar a irritação de teólogos e políticos “iluminados” (cf. A. BOULEAU, *La dévotion au Sacré Coeur au XVIII siècle*, Rome, 1991, 3-32).

⁶³ No frontispício da basílica os promotores intenderam deixar para as gerações futuras a seguinte inscrição “*Sacratissimo Cordi Christi Jesu, Gallia poenitens et devota*” (cf. Guido VIGNELLI, *Il Sacro Cuore – salvezza delle famiglie e della società*, Roma, Luci sull’Est, 2004, p.49).

tempo, de igual forma os pedidos formulados por Lúcia tiveram um lento percurso de concretização. Várias hipóteses se podem ensaiar como possíveis respostas às duas circunstâncias em análise. As protagonistas dos dois pedidos acalentavam no seu imaginário encontrar no papa a pessoa indicada, e capaz, de rápida resposta dar aos pedidos que das suas visões receberam. Se para o processo que se seguiu na concretização da consagração do género humano ao Coração de Jesus alguma documentação temos das instâncias romanas, já no percurso de Fátima estamos perante um total desconhecimento; não sabemos como Roma – papas e Congregações romanas – acolheram os pedidos que para lá foram enviados. Dispomos apenas dos diversos atos de consagração que cadencialmente se fizeram. O pormenor referente à menção da Rússia a constar em texto, foi seguramente um dos motivos que mais desconforto provocou na Lúcia e também nas pessoas e instâncias que sobre o pormenor se tiveram de pronunciar. A questão continua a não ser pacífica em pequenos grupos que se assumem como paladinos guardiães da *vontade* do Imaculado Coração de Maria dada a conhecer em revelações privadas à vidente Lúcia. Uma certa animosidade continua a ter as suas manifestações periódicas. Estamos em crer que as razões de fundo que motivaram essa morosidade nas consagrações pedidas se deveram a outra ordem de razões. A história da Igreja regista que, no geral, a hierarquia tem procurado, no campo das devoções, encontrar uma consistente fundamentação teológica; num segundo momento, quando de visões ou aparições particulares se tratem, proceder a inquirições sobre os protagonistas e a mensagem que os videntes se dizem convocados a transmitir. A receção e a ulterior divulgação serão prova dum fenómeno a considerar. O enquadramento eclesial tem sido fundamental para a credibilidade de devoções e aparições.

A configuração de espiritualidades emergentes, decorrentes de devoções e aparições, valorizam-se pela sintonia evangélica e pelas práticas de vida cristã, revitalizadoras da Igreja e do mundo.